Lição 1: Distinção entre o movimento por si e o movimento por acidente

638. Após discutir o movimento e as coisas que o acompanham em geral, o Filósofo agora empreende apresentar várias divisões do movimento. E seu tratamento divide-se em duas partes:

Na primeira, ele divide o movimento em suas espécies;

Na segunda, ele divide o movimento em partes quantitativas no Livro VI.

Na primeira, ele faz duas partes:

Primeiro, divide o movimento em suas espécies;

Segundo, discute a unidade e a oposição do movimento, na L. 5.

A primeira subdivide-se em duas seções:

Na primeira, ele distingue o movimento *por si* do movimento *por acidente*;

Na segunda, divide o movimento em suas espécies, na L. 2.

A primeira subdivide-se em duas partes:

Na primeira, ele distingue o movimento *por si* do movimento *por acidente*;

Na segunda, mostra que o *por acidente* não precisa ser discutido, mas que o movimento *por si* deve sê-lo, no 647.

Quanto à primeira, ele faz duas coisas:

Primeiro, distingue o movimento por si do movimento por acidente;

Segundo, faz um resumo no 646.

Na primeira parte, ele distingue o movimento *por si* do movimento *por acidente* de três maneiras:

Primeiro, pelo lado do móvel;

Segundo, pelo lado do motor, no 640;

Terceiro, pelo lado dos termos do movimento, no 641.

639. Primeiramente, ele diz, portanto (465), que tudo o que muda, ou seja, tudo que está sendo alterado, é descrito dessa forma de três maneiras. Primeiro, *per accidens*, como quando dizemos que um músico está andando, porque a pessoa que está andando é, por acaso, um músico. Segundo, uma coisa é descrita como sendo alterada sem qualificação, mesmo que apenas alguma parte dela esteja mudando, ou seja, em afirmações que se referem a parte da coisa em questão: assim, diz-se que o corpo está sendo restaurado à saúde, porque o olho ou o peito, que são partes do corpo, estão sendo restaurados à saúde. Terceiro, há o caso de uma coisa que está em movimento não acidentalmente nem em relação a algo que lhe pertence como parte, mas em virtude de estar direta e *per se* em movimento. E ele diz "diretamente" para excluir o movimento de uma parte, e *per se* para excluir o movimento que é *per accidens*. Ora, esse móvel *per se* é uma coisa diferente de acordo com os vários tipos de movimento: por exemplo, pode ser algo capaz de alteração — neste caso, é chamado de alterável; ou pode ser capaz de crescimento — neste caso, é chamado de aumentável. Novamente, no âmbito da alteração, é chamado de curável, se for movido em relação à saúde, e aquecível, se for movido em relação ao calor.

640. Em seguida, em (466), pelo lado do motor, ele distingue o movimento *per se* do *per accidens*. E diz que as distinções precedentes, que foram colocadas pelo lado do móvel, podem ser encontradas no motor. Pois uma coisa é descrita de três maneiras como causadora de movimento. Primeiro, *per accidens*, como "o músico está construindo". Segundo, em razão de uma parte (quando alguma parte do motor causa movimento), por exemplo, diz-se que o homem golpeia, porque sua mão golpeia. De uma terceira maneira, algo é descrito como agindo ou movendo direta e *per se*, como "o curador cura".

641. Então, em (467), olhando para o termo do movimento, ele divide o movimento mais uma vez da mesma maneira.

Primeiro, ele estabelece alguns pressupostos;

Em segundo lugar, ele faz sua divisão, em 645.

Sobre o primeiro, ele faz três coisas:

Primeiro, declara quantas coisas são necessárias para o movimento;

Em segundo lugar, compara-as mutuamente, em 642;

Terceiro, resolve uma questão, em 644.

Ele diz, portanto (467), que cinco coisas são necessárias para o movimento. Primeiro, deve haver um primeiro motor, ou seja, uma fonte da qual o movimento se origina; segundo, um móvel que está sendo movido; terceiro, um tempo no qual o movimento ocorre. Além desses três, são necessários os dois termos: um do qual o movimento parte e outro para o qual o movimento tende; pois todo movimento é de algo para algo.

642. Então, em (468), ele compara essas cinco coisas:

Primeiro, ele compara o móvel aos dois termos;

Em segundo lugar, ele compara um termo com o outro, em 643.

Ele diz, portanto (468), que tudo o que é movido direta e *per se* é distinto do termo para o qual o movimento tende e do termo do qual o movimento começa, como é evidente nestas três coisas: madeira, quente e frio. Pois no movimento chamado aquecimento, a madeira é o sujeito móvel, enquanto o quente, que é o termo para o qual, é algo diferente, assim como o frio, que é o termo do qual.

Ora, ele diz que o que é movido diretamente é distinto de ambos os termos, porque nada impede que o que é movido *per accidens* seja um dos termos: pois um sujeito, como a madeira, é o que se torna quente *per se*; mas a privação, que é um contrário, ou seja, o frio, é o que se torna quente *per accidens*, como foi explicado no Livro I.

Que o móvel é distinto de cada termo, ele prova com base no fato de que o movimento está em seu sujeito, por exemplo, na madeira, e não em nenhum dos termos, ou seja, não na espécie "branco" ou na espécie "preto". Isso fica claro pelo fato de que aquilo em que o movimento existe é o que está sendo movido. Mas o termo do movimento nem move nem é movido: seja o termo uma qualidade, como na alteração, ou um lugar, como no movimento local, ou quantidade, como no movimento chamado crescimento e diminuição. No entanto, o motor move o sujeito, que está sendo movido, para o *termo para o qual*. Portanto, visto que o movimento existe no sujeito sendo movido, mas não nos termos, é claro que o sujeito móvel é distinto dos termos do movimento.

643. Então, em (469), ele compara um termo com o outro. E diz que uma mudança recebe seu nome do *termo para o qual* mais do que do *termo do qual*; por exemplo, uma mudança para o não ser tem o nome especial "corrupção", enquanto, por outro lado, "geração" é a mudança para o ser, mesmo que comece a partir do não ser. Consequentemente, o nome "geração" pertence ao ser e "corrupção" ao não ser. A razão para isso é que, através da mudança, o *termo do qual* é removido, mas o *termo para o qual* é adquirido: por essa razão, o movimento parece ter uma repugnância pelo *termo do qual* e um parentesco com o *termo para o qual* — é por isso que recebe seu nome deste último.

644. Então, em (470), ele resolve uma dúvida. Sobre isso, ele faz três coisas:

Primeiro, menciona duas coisas que estão claras a partir do que foi dito: primeiro, que já apontamos no Livro III o que é o movimento; segundo, que no que foi dito imediatamente antes, afirmamos que as qualidades, o lugar e as qualidades passíveis que são os termos do movimento não estão sendo alterados, pois não há movimento existindo neles, como já dissemos e como fica claro a partir do calor, que é uma qualidade passível, e da ciência, que é uma qualidade.

Segundo, em (471), ele menciona um assunto sobre o qual há dúvida, dizendo que alguém pode se perguntar se qualidades passíveis, como calor e frio, brancura e negritude, não seriam tipos de movimento, já que nenhuma delas é um sujeito de movimento.

Em terceiro lugar, em (472), ele menciona uma discrepância que surgiria se tal visão fosse proposta. Pois, como a brancura é um termo para o qual um movimento tende, então, se a própria brancura fosse um movimento, seguir-se-ia que há movimento no termo de um movimento, o que não pode ser, como será provado mais adiante. E a partir disso, ele chega à verdade de que não é a brancura, mas o embranquecimento, que é o movimento. No entanto, ele acrescenta "talvez" porque ainda não provou que um movimento não pode terminar em um movimento.

645. Em seguida, em (473), a partir do fato de que os termos do movimento são distintos do movente e do móvel, ele mostra que, além das divisões do movimento tomadas pelo lado do movente e do móvel, há uma terceira, ou seja, aquela tomada pelo lado do termo. E, como é a partir do *termo para o qual* (terminus ad quem) e não do *termo a partir do qual* (terminus a quo) que os movimentos são nomeados, ele desenvolve sua divisão não pelo lado deste último, mas do primeiro. E ele diz que, mesmo pelo lado dos termos, é possível encontrar no movimento (1) um objetivo que é *per accidens* ou (2) parcialmente, i.e., com referência a uma parte ou a algo diferente de si mesmo, ou (3) diretamente e não com referência a outra coisa.

E, em primeiro lugar, *per accidens*: quando se diz do que está se tornando branco que está sendo transformado em algo que pode ser entendido ou reconhecido por alguém — isso será *per accidens* , pois é acidental à cor branca que ela seja reconhecida.

Mas, se se diz do que está se tornando branco que está sendo transformado em uma cor — isso será segundo uma parte: pois diz-se que está se transformando em uma cor porque está se tornando branco, que é uma parte do gênero cor. Da mesma forma, se eu dissesse de alguém que está indo para Atenas que está indo para a Europa, pois Atenas é uma parte da Europa.

No entanto, se se diz do que está se tornando branco que está sendo transformado na cor branca, isso será diretamente e *per se*.

O Filósofo não divide o movimento do ponto de vista do tempo (que era uma das cinco coisas exigidas para o movimento) porque o tempo está relacionado ao movimento como uma medida extrínseca.

646. Em seguida, em (474), ele resume o que disse. E ele diz que está claro como algo está em movimento *per se* e como *per accidens*, e como em relação a algo que não é seu todo, i.e., em relação a uma parte, e novamente como aquilo que é referido como diretamente e *per se* é encontrado tanto no movente quanto no móvel. Pois foi dito o que é um movente direto e *per se* e também o que é movido diretamente e *per se*. Finalmente, dissemos que não há movimento na qualidade que é o termo do movimento; antes, o movimento está no que está sendo movido, i.e., no móvel em ato, que é a mesma coisa.

647. Em seguida, em (475), ele mostra qual tipo de movimento precisa ser discutido.

Primeiro, ele enuncia sua proposição;

Segundo, ele explica algo que disse, em 648.

Ele diz, portanto, primeiro que a mudança *per accidens* não será o assunto de nossa discussão, seja ela *per accidens* pelo lado do movente, do móvel ou do termo. A razão para isso é que o movimento *per accidens* é indeterminado: pois está presente em todas as coisas, em todos os termos, em todos os tempos, em todos os sujeitos e em todos os moventes, e uma infinidade de coisas pode ser *per accidens* em algo. Mas uma mudança que não é *per accidens* não é encontrada em todas as coisas; é encontrada apenas em situações (1) que envolvem contrários ou o intermediário entre contrários em relação a movimentos que afetam quantidade, qualidade e lugar, ou (2) que envolvem contraditórios, por exemplo, geração e corrupção, cujos termos são ser e não ser — e tudo isso é evidente por indução. Ora, a arte se ocupa apenas com coisas que são determinadas, e não há arte para lidar com o infinito.

648. Em seguida, em (476), ele explica sua afirmação de que o movimento pode estar nos intermediários. E ele diz que um intermediário pode ser um ponto de partida da mudança e ir para um dos dois contrários, na medida em que podemos tomar o intermediário como sendo contrário a ambos os extremos. Pois o intermediário, na medida em que é afim a ambos os extremos, é de certa forma cada um deles. Daí, falamos do intermediário como de certa forma contrário relativamente aos extremos e de cada extremo como um contrário relativamente ao intermediário; por exemplo, a nota central é grave relativamente à mais alta e aguda relativamente à mais baixa, e o cinza é claro relativamente ao preto e escuro relativamente ao branco.

Revision #2
Created 27 September 2026 18:29:26 by Admin
Updated 1 October 2026 23:46:51 by Admin